



José Almeida

Fantástico e realismo maravilhoso no *Acauã*, de Inglês de Sousa



Lauro Figueira

Professor da Universidade Federal do Pará

A apreciação sobre o “Acauã” foi realizada segundo dois enfoques por mim escolhidos. No primeiro, mostro que este conto expressa características do *realismo maravilhoso*. Busquei apoio sobretudo em Irleamar Chiampi, Leonardo Padura e Alejo Carpentier, autores que se empenharam na reflexão crítica dessa manifestação literária. Para aprofundar estudos sobre o imaginário popular (o maravilhoso, o mito, a lenda), utilizei obras de Gaston Bachelard e João de Jesus Paes Loureiro. Em diferentes poéticas de Bachelard, encontrei curiosas proximidades com elementos organizados por Inglês de Sousa: “ Se dermos um justo lugar à imaginação material nas cosmogonias literárias, compreenderemos que ‘a água doce é a verdadeira água mítica’ “. Os estudos de Bachelard e Loureiro coincidem quanto ao seguinte entendimento: a descrição do poder imaginativo do escritor, somado ao que absorve da imaginação popular promove a faculdade de se conceber realidades que fogem ao senso comum. Ainda como apoio para o estudo do “Acauã”, lancei mão de diversas narrativas. São histórias informadas por pessoas da região amazônica, registradas nos livros *Santarém conta...* (1995) e *Belém conta...* (1996), frutos de pesquisas do programa de pesquisa IFNOPAP (O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense), do Centro de Letras e Artes da UFPA. Nesses textos, dentre as muitas histórias, encontram-se narrativas sobre a Cobra grande, das quais escolhi três (“Onorato cobra grande”, “A cobra grande de Alenquer”, “A cobra de Prainha”). Utilizei também uma narrativa coletada em Óbidos, que tematiza a Boiúna (“João Guimarães”).

No segundo, examinei o conto considerando a perspectiva do *fantástico*. Com intuito de flagrar elementos sugestivos de tal discurso, busquei apoio, dentre outros teóricos, em Tzvetan Todorov, Irène Bessière, Louis Vax e, mais uma vez, Irleamar Chiampi.

Minha finalidade foi captar ora a face do fantástico, ora a presentificação do real e do maravilhoso emergindo e configurando a essência do “Acauã”. Meus objetivos tornaram-se possíveis por conta de uma análise minuciosa do texto e de um percurso através de teorias que discutem os gêneros fantástico e realismo maravilhoso. As definições particulares sobre fantástico e realismo maravilhoso são necessárias para que se estabeleça uma compreensão científica sobre eles. Encontram-se nesses gêneros poéticos a contestação das leis naturais. Tornam-se relativos conceitos de irreal e verossímil. Sem o objetivo de subtrair a complexidade desses conceitos, configurei separadamente um entendimento sobre os dois gêneros:

— O fantástico resulta de uma ação autônoma do escritor que, por sua vez, devaneia uma realidade sem referenciais no mundo dos sentidos. Ele constrói personagens que vivenciam seus experimentos de maneira singular no incógnito mundo da fantasia e da dimensão onírica.

— Na ficção realista maravilhosa, a história não resulta apenas da experiência do escritor. Os temas são recolhidos do cotidiano de diferentes comunidades com estratos mentais que diferem dos do escritor.

— O fantástico e o realismo maravilhoso ignoram a relação de causalidade, porque o primeiro provoca o conflito e o questionamento e no segundo não há na personagem uma consciência moldada para compreender este conflito, ou seja, no fantástico o leitor hesita entre uma explicação natural e outra sobrenatural para os acontecimentos, enquanto no realismo maravilhoso o leitor vivencia uma esfera em que a personagem está habituada ao inusitado — a fé, a crença no mágico preenche qualquer lacuna; exime o homem de estranhezas. Inexiste desajustes entre a personagem e episódios que para o universo do leitor são inusitados.

Na ficção de Inglês de Sousa, o realismo maravilhoso e o fantástico se revezam para conformar uma poética duplamente manifesta entre *ser* e *supostamente ser*. O Autor tece um enredo em que reúne uma variedade de manifestações humanas; inscreve em um mesmo texto uma vivência perturbadora da realidade singular e diversa do indivíduo. São anormalidades que emergem na narrativa ritmadas por uma linguagem frouxa: aparição de demônios, metamorfoses, duplos, entropia nas leis de causalidade, quebra na ordem da linearidade do espaço e do tempo; elas indiciam que o Autor opta por abolir os ditames da literatura romanesca tradicional (literatura mimética).

Do exposto pude inferir:

- O amazônida de Inglês de Sousa está habituado a crer (ou experimentar?) na emergência do 'sobrenatural' a circunscrever-se à esfera de seu cotidiano. A temática da Cobra grande e do pássaro acauã são matéria-prima que Inglês de Sousa foi buscar no universo do homem da Amazônia com o desiderato de enriquecer sua produção literária. Este amazônida interage pacificamente com uma diversidade de eventos sem questionar se são naturais ou não, uma vez que seus estratos mentais não se moldam por conceitos 'universais' de sobrenaturalidade. O texto ficcional de Inglês de Sousa, por envolver o homem e sua interação com o mundo que habita, tem valor gnoseológico; é passível de ser estudado por outras vertentes científicas, além da Teoria Literária.
- A transgressão das leis de causalidade configura o insólito no "Acauã". As leis naturais flutuam e os acontecimentos sobrenaturais são integrados ao cotidiano das personagens. Faz parte da idiosincrasia humana entender que um efeito é sempre precedido por uma causa, daí a comunidade tratada por Inglês de Sousa em "Acauã" evocar o 'mágico' como agente predecessor de todos os fatos irracionalizáveis.
- O imaginário do homem amazônico conforma a essência do conto "Acauã"; dimensiona-o no circuito do mítico e o mítico passa a ser representado pelo narrador — as cargas simbólicas da ave acauã (canto anunciador de chuva e agoureiro), os poderes da Boiúna (encantatórios e maléficos), e a serpente como elemento metafórico de tempo e ciclo vital (renovação do tecido epitelial).
- O uso de recursos lingüísticos e estilísticos na tessitura do texto confere à história uma densidade mágica. A atmosfera de magia do texto enreda o narrador que sucumbe, na cadência narrativa,

à imprevisibilidade do sobrenatural. O dubitativo semântico encerra obstruções no entendimento do narrador sobre os acontecimentos evocados por ele; revela que seus estratos mentais diferem dos daquele homem que comunga de um universo mágico. Vejam-se algumas ilustrações que confirmam as imprecisões no plano da enunciação: "... o silêncio e a solidão a modo que se tornavam mais profundos ..."; // "Mas tudo isso não era nada. Do fundo do rio levantava-se um ruído [...], uma voz sem nome que dominava [...] [a] tempestade. Era um clamor só comparável ao brado [...] do Juízo Final..."; // "... A superfície das água tinha um brilho estranho, como se a tivessem untado de fósforo..."; / / "... havia nessa meiguice [de Ana] um certo acanhamento, uma espécie de sofrimento, [...] alguma coisa como um terror vago..."; // "[Ana] como se cedesse a uma ordem irresistível...".

- Há um estado de tensão que perdura no texto ritmado pelo discurso do narrador, que se coloca como uma consciência à parte daquela das personagens, até culminar na metamorfose de Vitória, quando ocorrem revelações desta personagem: *Vitória* é mulher – antropomorfismo/**fantástico** (dúvidas, persistência de enigmas e mistérios; visão do narrador) ou Cobra Grande? – antropozoomorfismo/**realismo maravilhoso** (explicação pelo mágico para as metamorfoses de Vitória; visão das personagens). Observe-se nos excertos a evolução de Vitória: "[Jerônimo] olha para a lagoa, e viu que a superfície das águas tinha um brilho estranho [...]. [viu] um objeto estranho afetando a forma de uma canoa [...]. O objeto vinha impelido por uma força desconhecida [...]. Era com efeito uma pequena canoa, e no fundo dela estava uma criança que parecia dormir." // "[Jerônimo a trata] como filha da casa, cresce a estranha criança". // "[...] aos quatorze anos [...]. // "Vitória era alta e magra, de compleição forte, com os músculos de aço. A tez era morena, quase escura, as sobrancelhas negras e arqueadas; o queixo fino e pontudo, as narinas dilatadas, os olhos negros, rasgados, de um brilho estranho. [...]. A boca, ornada com magníficos dentes, tinha um sorriso de gelo." // "Ausentava-se de casa durante horas, metia-se pelos matos, dando gargalhadas que assustavam os passarinhos." // "De pé, à porta da sacristia, hirta como uma defunta, com uma cabeleira feita de cobras, com as narinas dilatadas e a tez verde-negro, Vitória [...] fixava em Aninha um olhar horrível, olhar de demônio [...]. A boca estranha mostrava a língua fina, bipartida como língua de serpente. Um leve fumo azulado saía-lhe da boca, e ia subindo até o teto da igreja. Era um espetáculo sem nome!". O percurso de Vitória na narrativa evidencia um jogo de imprecisões, de enigmas, de 'sobrenaturalidade', de revelações; mas revelações que não permitem ao leitor ir além dos vazios semânticos impressos pelo discurso do narrador por ser um discurso fantástico. Por outro lado, a comunidade de Faro, onde se desenrolam os acontecimentos, atribui sempre os episódios a encantamentos e magias; está sempre resignada e crédula de que o sobrenatural pelo mágico se explica. Em "Acauã", a aparição do pássaro é tida como prenúncio do episódio sobrenatural; os presentes na igreja recorrem a uma explicação mágica para fenômeno da antropozoomorfização. Por esta perspectiva, extraio do conto

características do realismo maravilhoso. É sob o peso destas duas vertentes que termina alquebrada a narrativa "Acauã".

- O estranhamento do narrador a episódios que ao longo do conto são bem tolerados pelos viventes da comunidade marca um distanciamento entre o narrador e as personagens. Este estranhamento afigura-se na história pela presença constante de recursos estilísticos e discursivos (dêiticos, modalizantes, comparações, vazios narrativos) que depõem contra a aceitação do narrador aos eventos por ele evocados. A relativização de conceitos - o que é natural para as personagens entra em choque com o que é natural para o narrador - pronuncia o discurso do fantástico.
- O discurso do realismo maravilhoso delimita outro paradigma de relativizações conceituais no "Acauã". As personagens não comungam dos valores presentes no âmbito do senso comum de que faz parte o narrador. A digestão dos fatos inusitados pelas personagens (sem os traumas que marcam a inadaptação do narrador ao insólito), a aceitação de figuras arquetípicas (ave acauã, Cobra grande) dotadas de uma poderosa carga de sobrenaturalidade e a explicação mágica a esses fenômenos encerram no "Acauã" a tônica realista maravilhosa.

O conto "Acauã" abarca valores vivenciais característicos do homem latino-americano possuidor e artífice de um rico imaginário. Este homem (que Inglês de Sousa também o é) traz consigo subsídios para conformar um texto com a substância poética do "Acauã", produto de um elevado grau de potência estética. Ao promover um casamento perfeito entre a riqueza imaginativa e a faculdade da palavra, a narrativa configura um espaço-tempo transgressor à compreensão humana. Se colocarmos esse texto de Inglês de Sousa à disposição das últimas descobertas científicas sobre espaço-tempo, concluiremos que tanto o inusitado universo mágico do homem amazônida quanto os axiomas da Física Quântica vêm abolir as nossas noções mais arraigadas sobre o senso comum.

Alguma apreciação sobre a obra de Inglês de Sousa

Inglês de Sousa é apenas conhecido como seguidor das diretrizes realistas-naturalistas, tendo em vista a sua trajetória ficcional. Em 1875, ainda estudante de Direito, o jovem paraense concebe a idéia de uma série de livros, ligados entre si pela comum evocação da vida na Amazônia. É quando nascem os estudos literários *Cenas da vida do Amazonas*, de que fazem parte os romances *História de um pescador* (1876), *O cacaulista* (1876), e *o Coronel Sangrado* (1877), todos sob a assinatura de Luiz Dolzani, seu pseudônimo. Mais tarde, *O missionário* (1891), para Lúcia Miguel-Pereira, vem a ser o último desses estudos, mas, para Josué Montelo, os estudos amazônicos de Inglês de Sousa se encerram com a publicação dos *Contos amazônicos* (1893). Assim, no dizer de Araripe Júnior, as obras de Inglês de Sousa acomodam-se num esquema que nos faz lembrar as divisões em que Balzac acomodou o Realismo polimorfo da Comédia humana.

É preciso reconhecer que o escritor aqui em discussão não tem apenas a face realista-naturalista. Em seu último volume, Inglês de Sousa constrói textos com temáticas do imaginário popular, o mágico, o maravilhoso,

enformados por uma linguagem que imprime a ambigüidade dos acontecimentos, obrigando o leitor a examiná-los de posse de dicionários mitológicos, simbólicos e de concepções recentes da Teoria Literária. Pode-se dizer que Inglês de Sousa com o "Acauã" preludia o realismo maravilhoso em nossas letras, e também antecede as pesquisas modernistas no campo dos mitos e das lendas amazônicas. Observe-se que as orientações mencionadas não formam um campo de oposição ou de negação, mas resultam da liberdade de criação do Autor e da valorização da substância nos escritos desse paraense.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**; ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988,

_____. **Fragmentos de uma poética do fogo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **O ar e os sonhos**; ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CARPENTIER, Alejo. **A literatura do maravilhoso**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1987.

CHIAMPI, Irlemar. **O realismo maravilhoso**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura amazônica**; uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.

PADURA, Leonardo. **Lo real maravilloso**: creación y realidad. Habana: Editorial Letras Cubanas, 1989.

SIMÕES, Socorro, GOLDER, Christophe. **Santarém conta ...**. Belém: CEJUP/UFPA, 1995a.

_____. **Belém conta**. Belém: CEJUP/UFPA, 1995b.

SOUSA, Inglês de. **Contos amazônicos**. Rio de Janeiro: Presença/INL, 1988.

TODOROV, TZVETAN. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

VAX, Louis. **Arte y literatura fantástica**. Buenos Aires: EUDEPA, 1973.